



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

RAYANE ESTEVÃO CIPRIANO DA SILVA

**OS DESAFIOS DO PROFESSOR ALFABETIZADOR NOS ANOS INICIAIS NA
PERSPECTIVA DO ALFABETIZADOR/LETRADOR**

**DUAS ESTRADAS - PB
2017**

RAYANE ESTEVÃO CIPRIANO DA SILVA

**OS DESAFIOS DO PROFESSOR ALFABETIZADOR NOS ANOS INICIAIS NA
PERSPECTIVA DO ALFABETIZADOR/LETRADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de
Educação da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito institucional para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Ms. Carlos da Silva Cirino

**DUAS ESTRADAS - PB
2017**

S586d Silva, Rayane Estevão Cipriano da.

Os desafios do professor alfabetizador nos anos iniciais na perspectiva do alfabetizador/letrador / Rayane Estevão Cipriano da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2017.

48f.

Orientador: Carlos da Silva Cirino

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia – modalidade a distância) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Docência. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37(043.2)

RAYANE ESTEVÃO CIPRIANO DA SILVA

**OS DESAFIOS DO PROFESSOR ALFABETIZADOR NOS ANOS INICIAIS NA
PERSPECTIVA DO ALFABETIZADOR/LETRADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de
Educação da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito institucional para obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____

Prof. Orientador - Ms. Carlos da Silva Cirino
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Profª. _____

Profª. Ms. Giovanna Barroca de Moura
Universidade Estadual do Vale do Acaraú - UVA

Prof. _____

Prof. Dr. Magno Alexon Bezerra Seabra
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Dedico este trabalho a minha família, que sempre se manteve ao meu lado em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me fortaleceu nessa caminhada. Aos meus pais, irmão e esposo que me apoiou e incentivou sempre com muita paciência e compreensão.

Aos professores do curso que se fizeram essenciais na construção desse aprendizado e em especial ao meu orientador professor Carlos da Silva Cirino, que mesmo conhecendo apenas no fim do curso, me deu todo suporte necessário ao longo da construção da monografia. Parabéns por ser quem és!

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (Paulo Freire 2002, p. 104).

RESUMO

O presente trabalho teceu reflexões acerca dos desafios do professor alfabetizador nas séries iniciais a partir da perspectiva do letramento. Partiu-se do pressuposto de que a ação alfabetizadora aliada ao letramento se faz essencial para a escola atual, visto que, desde pequenas as crianças já entram em contato com a leitura e escrita e levam esse conhecimento para a escola, cabendo ao docente promover atividades que estimulem o desenvolvimento dos mesmos. Mas será que o docente está preparado para essa realidade?. Como base teórica foram utilizados os estudos de Soares (1998), Freire (2001), Ferreiro & Teberosky (1985), Vygostky (1998) entre outros. Discutiu-se acerca do professor e a compreensão do alfabetizar/letrar: alguns conceitos, a Apropriação da escrita na alfabetização e letramento, A escola atual e os desafios do professor alfabetizador além de apresentar algumas pesquisas na área. Na busca de ampliar e consolidar este estudo, foram entrevistados 08 (oito) docentes da rede municipal de ensino da cidade de Lagoa de Dentro – PB, a partir de questionários pré-elaborados a fim de que relatassem suas experiências, dificuldades e entendimentos acerca do alfabetizar/letrando. O conjunto de resultados encontrados neste estudo indicou que apesar de terem acesso a capacitações e apoio didático, alguns professores ainda sentem dificuldades quanto à definição e conseqüentemente ao planejamento de atividades voltadas à alfabetização sob uma perspectiva do letramento, aliado a isso, encontra-se também a ausência familiar que é de grande valia nesse processo. Esses resultados nos mostram, porém, que apesar dos desafios, os professores buscam dentro do possível, se aperfeiçoarem a fim de propiciar uma educação qualificada e inovadora aos alunos.

Palavras – chave: Alfabetização. Letramento. Desafio docente.

ABSTRACT

The present work wove reflections on the challenges of the literacy teacher in the first grades from the initial reading instruction perspective. It started from the assumption that the literacy action allied to initial reading instruction is essential for the current school, as long as, since small children already come in contact with reading and writing and take this knowledge to school, it is up to the teacher to promote activities that stimulate their development. But is the teacher prepared for this reality?. The theoretical basis was the studies of Soares (1998), Freire (2001), Ferreiro (1985), Vygostky (2008) and others. It was discussed about the teacher and the understanding of literacy / initial reading: some concepts, the appropriation of writing in literacy and initial reading, the current school and the challenges of the literacy teacher and present some research in the area. In the quest to expand and consolidate this study, eight (8) teachers from the municipal education network of the city of Lagoa de Dentro - PB were interviewed, using pre-elaborated questionnaires to report their experiences, difficulties and understandings about the to literate. The set of results found in this study indicated that despite having access to training and didactic support, some teachers still feel difficulties regarding the definition and consequently the planning of activities focused on literacy from a perspective of the initial reading instruction, allied to this, is also the family absence that is of great value in this process. These results show, however, that in spite of the challenges, teachers seek, as far as possible, to perfect themselves in order to provide a qualified and innovative education to students.

Tags: Literacy. Initial reading instruction. Teaching challenge

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA -----	13
2.1 O Professor e a Compreensão do Alfabetizar/Letrandos: Alguns conceitos -----	13
2.2 Apropriação da escrita na alfabetização e letramento -----	17
2.3 A escola atual e os desafios do professor alfabetizador -----	21
2.4 Pesquisas atuais acerca da alfabetização e letramento -----	23
3. METODOLOGIA -----	26
3.1 Caracterização da Pesquisa -----	26
3.2 Participantes da Pesquisa -----	27
3.3 Instrumentos e Procedimentos para coleta de dados -----	27
3.4 Procedimentos para análise de dados -----	28
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES – DESAFIOS ACERCA DO ALFABETIZAR/LETRAR: DIZER DE PROFESSORES -----	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	40
6. REFERÊNCIAS -----	42
7. APÊNDICE -----	45

1. INTRODUÇÃO

Vivenciamos constantes transformações em todos os aspectos sociais, fazendo-se necessário um (novo) olhar reflexivo, principalmente, no âmbito escolar que engloba uma diversidade de saberes, culturas, religiões e atitudes próprias e ao mesmo tempo multifacetadas.

O ensino tradicional praticado há algumas décadas tornou-se enfadonho e pouco produtivo, influenciado por diversos fatores dentre eles: falta de capacitações/atualização, materiais didáticos, estrutura, carga horária excessiva e novas demandas sociais. Atualmente, com a diversificação dos meios de comunicação, o uso da Internet entre outros, os alunos almejam metodologias motivadoras, desafiadoras e atraentes. E, é diante dessa realidade que a ação do docente em sala de aula se faz tão necessária, visto que, a sociedade cada vez mais atribui ao professor o papel integral de reparar as dificuldades dos alunos advindas desde as primeiras fases de ensino.

Muitos docentes não conseguem ser eficazes na formação de escritores e leitores proficientes, ocasionando lacunas na aprendizagem efetiva dos mesmos, uma vez que, as crianças apenas codificam as letras e sons, não conseguindo interpretar o que está sendo exposto, nos fazendo refletir acerca de questões importantes voltadas para o campo da alfabetização e letramento.

De acordo com Soares (apud RIBEIRO, 2003, p.92), “Alfabetização e Letramento são processos distintos, de naturezas essencialmente diferentes, porém, interdependentes e indissociáveis”, pois uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada ou ser letrada e não ser alfabetizada. Sendo a alfabetização entendida como o processo de aprendizagem da leitura e da escrita e o letramento como a apropriação das diversas formas de usos e habilidades de leitura e escrita, individual e socialmente.

Kato (1985), por exemplo, destaca a grande preocupação que os educadores têm por “métodos” de alfabetização como um instrumento seguro para ensinar a ler e escrever. Isto é, a maioria dos professores só planeja suas aulas a fim de conseguir o “simplório”, o que é programado, sem fugir do que está no papel ou em alguns livros didáticos que em determinados momentos oferecem poucas

atividades inovadoras.

É mediante essa nova percepção de ensino e do papel do docente na aprendizagem que se norteia a questão desta pesquisa: Por que os professores sentem dificuldades de incluir no seu planejamento atividades voltadas para a perspectiva do alfabetizar/letrando?, objetivando especificamente identificar as dificuldades encontradas pelos docentes no processo do alfabetizar/letrando e ao mesmo tempo fazer uma análise acerca dos conceitos de alfabetização, letramento e estratégias de ensino utilizadas.

Sabe-se que a escola e o educador exercem um papel bastante importante na formação da sociedade, uma vez que, ao longo das práticas de ensino desenvolvidas, é possível perceber que ainda existem muitos analfabetos funcionais, ou, alunos que apenas conseguem memorizar códigos escritos, não fazendo uma interpretação ou reflexão sobre o que esta sendo proposto.

Alfabetizar para muitos, pode ser algo simples, mas não é. Ao alfabetizar uma criança, damos a ela a capacidade de utilizar a leitura e a escrita em todo o seu cotidiano. Por isso, é necessário que o professor alfabetizador domine conhecimentos específicos, fazendo com que a sua atuação haja de forma concreta no processo de construção do saber.

Por ter a oportunidade de atuar na área educacional desde muito cedo, houve o interesse de melhor compreender os motivos que levam muitos profissionais desta área a simplesmente não se sentirem confortáveis em relatar suas dificuldades e anseios inerentes ao seu trabalho. Diante do exposto, justificamos a importância da temática supracitada, por ser uma questão que nem sempre é levada em consideração por uma parcela da sociedade, que muitas vezes culpa o professor pelo fracasso escolar do aluno sem ao menos entender suas limitações e consequentemente desafios diários.

Para dar conta destas questões acerca do professor, discutiu-se o papel docente e a compreensão do alfabetizar/letrar: alguns conceitos, a Apropriação da escrita na alfabetização e letramento, A escola atual e os desafios do professor alfabetizador além de mostrar algumas pesquisas atuais acerca da temática trabalhada. Como suporte teórico utilizou-se dos estudos de Soares (1998), Freire (2001), Ferreiro & Teberosky (1985), Vygostky (1998) entre outros.

A pesquisa foi realizada com 08 (oito) professores da rede municipal de ensino da cidade de Lagoa de Dentro – PB, todos com formação em Pedagogia e

Especializados na área. Mediante entrevistas pré-definidas, aplicamos questionários a fim de buscar conhecer um pouco das experiências de docentes com relação a alfabetização e letramento, bem como os desafios diários enfrentados pelos mesmos ao longo desse processo. O estudo possibilitou conhecer práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente escolar de séries iniciais, o suporte pedagógico que os docentes possuem, bem como o entendimento sobre a temática escolhida, proporcionando uma reflexão ampla entre teoria e a prática.

Diante disso, abordaremos neste estudo aspectos relevantes não apenas da importância de se buscar uma prática alfabetizadora aliada ao letramento, mas a relevância do papel docente nesse processo de aprendizagem que é bastante delicada, desafiadora e essencial a todos que fazem o espaço educacional.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PROFESSOR E A COMPREENSÃO DO ALFABETIZAR/LETRANDO: ALGUNS CONCEITOS

A todo o momento somos capazes de desempenhar diferentes papéis sociais, conseguindo colocar nossas particularidades e demonstrar um pouco do que somos e buscamos ser através de nossas ações. Estamos em constante evolução ao mesmo tempo em que somos observados por olhares atentos e cheios de expectativas. Assim é o professor, que a cada dia possui um papel cultural e intermediador bastante significativo e desafiador.

Ao longo dos anos a imagem acerca do papel do professor sofreu mudanças significativas. Antes visto como detentor único do saber, daquele que adota uma crença, e agora como um ser em constante aprendizado, capaz de dialogar e interagir com a turma, principalmente nos dias atuais, onde ele precisa saber ensinar sob outra perspectiva, afinal, saber ensinar é tão importante quanto saber aprender.

É necessário entender que quando um indivíduo se predispõe a trabalhar com a alfabetização de crianças, precisa observar como se dá esse processo, a fim de organizar e refletir acerca de situações que realmente agreguem ao desenvolvimento de seus alunos.

Em 1990, ocorreu a Conferência Mundial sobre Educação para Todos (1990), onde a alfabetização passa a ser “entendida como instrumento eficaz para a aprendizagem, para o acesso e para a elaboração da informação, para a criação de novos conhecimentos e para a participação na própria cultura e na cultura mundial nascente” (Conferência Mundial de Educação para todos. Jomtien, Tailândia, 1990, p.5). Levando em consideração essa definição como um ponto de partida, podemos perceber que ela explicita uma noção de que a aprendizagem da leitura e da escrita deve ser um instrumento intermediador entre o acesso à informação e a criação de novos conhecimentos para o indivíduo.

Sabendo que o ato de alfabetizar esta intrinsecamente relacionada à prática pedagógica docente e as suas concepções a respeito desse processo, faz-se

necessário entender o que é ser um professor alfabetizador nos dias atuais e o que seria a alfabetização propriamente dita. A respeito disso, Cagliari (1989) nos diz que:

Alfabetização é o processo pelo qual as pessoas aprendem a ler e a escrever. Entretanto, esse aprendizado vai muito além de transcrever a linguagem oral para a linguagem escrita. Alfabetizar-se é muito mais do que reconhecer as letras e saber decifrar palavras. Aprender a ler e a escrever é apropriar-se do código linguístico-gráfico e tornar-se, de fato, um usuário da leitura e da escrita. (1989, p 85).

Se percebe que o ato de alfabetizar não é uma atividade fácil, por isso é necessário quebrar paradigmas em busca de uma renovação didática e prática docente.

Outro ponto a ser destacado é que com a implementação dos “ciclos básicos de alfabetização”, a partir da regulamentação da LDB de 1996, observou-se uma certa insuficiência relacionada a alfabetização, percebida apenas como um ato meramente mecânico de leitura e escrita, passando a ser levado em consideração o domínio das mesmas aliadas a práticas sociais.

Sobre esse respeito, Freire (2001) afirma: “Não basta saber ler ‘Eva via a uva’. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho”. Assim, o autor nos mostra que não é necessário apenas o domínio da escrita, mas toda a contextualização na qual o aprendiz está inserido, experiência histórica e cultural.

No ano de 2004, foi instituído através da Lei de Diretrizes e Bases (LDB n. 9.394/96) o Ensino Fundamental de nove anos e a elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE), na ocasião salientou-se uma necessidade de uma readequação dos projetos pedagógicos destinado ao ensino nas séries iniciais. Esse novo modelo de distribuição de séries determinou o acesso de crianças com seis anos de idade as séries iniciais, gerando desafios aos profissionais da educação, principalmente no que diz respeito às noções de alfabetização. Em um determinado trecho das diretrizes é frisado que nessa etapa de ensino se deve direcionar ações que “possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita e convívio com diferentes suportes e gêneros orais e escritos” (BRASIL, 2010, p.25).

Assim “surge” o letramento, como uma ponte de ligação entre esses processos, posto que, uma pessoa alfabetizada sabe ler e escrever, já o letrado consegue ler, escrever e principalmente interpretar e refletir de forma coerente. A

palavra letramento ainda não é muito conhecida por parte do vocabulário dos professores, mas já começa a ser melhor compreendida por alguns, sendo um conceito bastante divulgado na literatura pedagógica por pesquisadores como Ângela Kleiman, Mary Kato, Magda Soares, Paulo Freire, entre outros.

Magda Soares (1998, p.39), nos fala que o “letramento é o resultado de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita; é também o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais”.

De acordo com Silva (2006, pp. 44-45):

O letramento constitui um processo plural, amplo que engloba a alfabetização, mas não se reduz a ela; ou seja, comporta os eventos de participação dos indivíduos nos meios de interação social, mediada pela escrita. (...), entendemos que o aprendiz já traz consigo um leque de experiências advindas das relações com a família e comunidade, ou seja, temos um sujeito letrado que detém uma oralidade secundária e, por assim ser, encontra-se plenamente apto a desenvolver a escrita formal através da agência escolar do letramento.

Diante isso, para formar indivíduos letrados e não apenas alfabetizados, deve-se apresentar um repertório amplo, com situações de leitura que possibilitem o acesso aos mais variados tipos de textos inseridos no cotidiano tanto das crianças quanto nos de jovens e adultos.

Por isso a importância de destacar que o letramento inicia-se bem antes da alfabetização, pois leva em consideração, a interação social e as realidades vivenciadas pelos indivíduos. Como afirma Freire (2001, p 11-12):

(...) A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta, não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica, implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Nessa direção, Perez e Garcia (2001, p. 17) também destacam que:

As crianças pequenas iniciam a aprendizagem da língua escrita nos mais variados contextos reais, contextos letrados em que aparece a escrita e ela é usada cotidianamente como objeto social e cultural. E estes são objeto do conhecimento (a escrita) e por sua relação com outros sujeitos alfabetizados em situações sociais em que tem sentido ler e escrever.

É válido ressaltar que os conceitos de alfabetização e letramento ocorrem por processos diferenciados, porém eles são interdependentes e indissociáveis, por isso, é tão importante que os professores sejam orientados acerca desses conceitos desde a sua formação, sendo essa, um dos fatores (pré) determinantes para uma boa prática educativa. Como defende Magda Soares a nos dizer que o ideal é:

[...] alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, pois os dois processos são, no estado atual do conhecimento sobre a aprendizagem inicial da leitura e escrita, indissociáveis, simultâneos e interdependentes: a criança alfabetiza-se, constrói seu conhecimento do sistema alfabético e ortográfico da língua escrita, em situações de letramento, isto é, no contexto de e por meio de interação com material escrito real, e não artificialmente construído (2004,p.22).

Ensinar é compartilhar e (re) significar conhecimento, assim, a atuação do professor alfabetizador deixa de ser meramente metodológica, assumindo uma função política e pedagógica crítica e consciente. É, pois, através da ação reflexiva sobre os fazeres e saberes pedagógicos que as mudanças podem acontecer, havendo, assim, compromisso entre os envolvidos no processo professor/aluno/escola/sistema (SCHÖN, 2000).

Segundo Borges:

O saber do professor é marcado e influenciado não só por um processo de reformulação, reapropriação da informação (conhecimentos, saberes) que transcende as formas tradicionais de transmissão, aplicação de conhecimentos. Esse processo é mediatizado pela experiência e pela prática profissional, na qual o novo conhecimento se produz para e em relação ao outro. Isto é, o professor ensina para uma coletividade e mobiliza seus saberes em função de situações contingentes (2004, p. 77).

Portanto, trabalhar a alfabetização na perspectiva do letramento é uma opção política. Reconhecer que é possível alfabetizar letrando requer reflexão, pois o ato de ensinar a ler e a escrever, cria a possibilidade de inserção do sujeito em práticas sociais e produção de conhecimento em diversas instâncias políticas e sociais.

Alfabetizar e letrar é um ato complexo, que desafia o docente a assumir uma postura voltada ao conhecimento *versus* domínio do que vai ser ensinado. Necessitando esta preparado e disposto a propiciar para seus alunos uma formação de conhecimentos sólidos, a partir da reflexão, análise e (re) adequação de novas situações, a fim de aprimorar sua prática pedagógica, principalmente nas séries

iniciais, onde muitos são os desafios na busca de uma conciliação entre os processos de alfabetização e letramento.

Assim, depois de apresentarmos a compreensão do que seja alfabetização e do letramento se faz necessário dissertarmos sobre a aquisição da escrita ao longo desse processo, atentando para o pensamento de Vygostky (1984) que concebe a linguagem como interação social, revelando um instrumento importante de aprendizagem e reflexão acerca da prática educacional.

2.2 APROPRIAÇÃO DA ESCRITA NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Pensar a respeito da aquisição da escrita nos faz refletir acerca de como ocorreu o nosso próprio processo de aprendizagem, no modo como fomos alfabetizados, como os professores atuavam, as dificuldades enfrentadas e até no papel desempenhado pela família nessa construção do saber.

A linguagem escrita, assim como as outras formas de linguagem, é construída através da interação entre os indivíduos com o mundo, sendo esse um processo contínuo e diverso. Digo diverso, porque, cada pessoa vive ou passa por esse processo de uma forma diferente, própria, somente sua. O aprendizado ocorre por diferentes caminhos e embora as sociedades contemporâneas e modernas atribuam à escola a responsabilidade por esse ensino, é necessário saber que nem tudo sobre a linguagem escrita é aprendida particularmente dentro dela.

Vygotsky (1984) destaca que o aprendizado da escrita é iniciado pela criança "muito antes da primeira vez que o professor coloca um lápis em sua mão e mostra como formar letras" (p.143), e continua afirmando que "a escrita é um sistema de representação simbólica da realidade, a qual medeia a relação dos homens como o mundo" (VYGOSTSKY, 1984, p. 47). Por isso, é tão importante que quando a criança chegue a escola o docente leve em consideração todo o conhecimento prévio que a mesma possui, investigando o que é necessário aprender. Fica evidente que, "[...] no lugar de uma criança que recebe pouco a pouco uma linguagem inteiramente fabricada por outros, aparece uma criança que reconstrói por si mesma a linguagem, tomando seletivamente a informação que lhe provê o meio" (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985, p. 24). Outro ponto a ser percebido é que

num meio social letrado (escola, família ou comunidade) a criança é exposta aos mais variados conhecimentos sobre a língua e suas funções sociais:

[...] é bem difícil imaginar que uma criança de 4 ou 5 anos, que cresce num ambiente urbano no qual vai reencontrar, necessariamente, textos escritos em qualquer lugar (em seus brinquedos, nos cartazes publicitários ou nas placas informativas, na sua roupa, na TV, etc.) não faça nenhuma ideia a respeito da natureza desse objeto cultural até ter 6 anos e uma professora à sua frente (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p. 29).

Infelizmente, a realidade vivenciada em muitas escolas nos faz perceber que muitos professores sentem dificuldades em planejar atividades voltadas para essa aprendizagem, ocasionando “uma certa” insegurança e dificuldade de assimilação do conteúdo e conseqüentemente no desenvolvimento da escrita. Vygotsky (1998) nos fala que:

Até agora, a escrita ocupou um lugar muito estreito na prática escolar em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança. Ensina-se as crianças a desenhar letras e a construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que se acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal. (...) E o resultado é a produção de uma fala morta (VYGOTSKY, 1998, p. 119).

Se voltarmos ao início deste texto e fizermos uma breve avaliação de como foi o nosso aprendizado ao longo das séries iniciais e ensino fundamental, iremos perceber que apesar de muitas pesquisas e avanços nos estudos acerca da alfabetização e letramento, pouca coisa mudou. As metodologias, as velhas cartilhas e métodos de memorização continuam a rondar as salas de aula. A alfabetização propriamente dita inicia-se com a cópia do desenho das vogais, junções, aparecimento das consoantes, formação de sílabas e só então construção de frases e pequenos textos.

Com relação a essa situação, Paulo Freire (2001) nos apresenta uma visão bastante crítica, não somente em relação à alfabetização e letramento, mas também considerando a educação em sua totalidade. Ele atenta para uma alfabetização bancária, baseada na transmissão de conhecimentos do educador (deposita o conteúdo) ao educando (objeto de aprendizagem). Estas relações ainda ocorrem com alguma frequência, desconsiderando a realidade do aluno que passa a receber o conhecimento como se fosse um mero “arquivo”.

“(...) o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem mas sabem que sabem” (FREIRE, 2001, p.60). Com isso, o autor nos apresenta uma visão real do que é estudar/aprender, e que no caso da alfabetização seria a quebra do conceito bancário, para um real e condizente letramento.

Baseado nesses pressupostos pode-se indagar a seguinte pergunta: Afinal, se uma pessoa sabe ler e escrever, por que muitas vezes não consegue entender uma simples notícia vinculada nas redes sociais ou redigir um simples texto? Gadotti (*apud* Vargas 2000, p.14), afirma que:

O ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o nome ou assiná-lo na carteira profissional, ensiná-lo a ler alguns letreiros na fábrica como perigo, atenção, cuidado, para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão não é suficiente... Não basta ler a realidade. É preciso escrevê-la.

O que mais uma vez nos faz perceber que a nossa realidade ainda esta bem parecida com o que o autor supracitado nos diz. A escola, por vezes, acumula muitos alunos em uma sala de aula, cabendo ao docente o trabalho de lhe ensinar todo o conteúdo pré determinado, mas não levando em consideração a qualidade do que esta sendo repassado. As salas de aula reproduzem um modelo mecânico de ensino, onde as cartilhas (nas séries iniciais) ainda são as mesmas de anos atrás. O método continua o mesmo, porém as crianças acompanham os avanços frenéticos da tecnologia, ocasionando uma disparidade entre o que é e deve ser aprendido naquele momento.

Emília Ferreiro defende que a criança é um ser pensante que aprende sem a permissão dos adultos. Por isso, critica o ensino baseado nas cartilhas e em uma alfabetização presa a métodos rígidos: [...] os métodos (como consequências de passos ordenados para chegar a um fim) não oferecem mais do que sugestões, incitações, quando não práticas rituais ou conjunto de proibições. O método não pode criar conhecimento (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p.30).

Ela também destaca a importância da quebra de velhos paradigmas educacionais, enfatizando que com atitudes simples, também é possível obter resultados satisfatórios com relação a escrita e o processo de letramento:

(...) as histórias ouvidas e contadas pelas crianças (devem ser escritas pelo professor), bem como as tentativas de escrever seus nomes ou bilhetes. Essas atividades assumem grande importância no processo, pois são geradoras de espaço para descoberta dos usos sociais da linguagem- a escrita. É importante colocar a criança em situações de aprendizagem, em que ela possa utilizar suas próprias elaborações sobre a linguagem, sem que se exija dela ainda o domínio das técnicas e convenções da norma culta. (BOCK, 2008, p.140)

Sabe-se então que o processo para a apropriação da escrita ocorre de forma gradativa, onde através da interação social o indivíduo consegue adquirir e readequar-se a novas concepções e regras, (re) construindo e (re) formulando questionamentos e hipóteses, até alcançar êxito na aprendizagem escrita. Como bem nos fala Emília Ferreiro:

A construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, embora aberta a interação social, na escola ou fora dela. No processo, a criança passa por etapas, com avanços e recuos, até se apossar do código linguístico e dominá-lo. O tempo necessário para o aluno transpor cada uma das etapas é muito variável. Duas das consequências mais importantes do construtivismo para a prática de sala de aula são respeitar a evolução de cada criança e compreender que um desempenho mais vagaroso não significa que ela seja menos inteligente ou dedicada do que as demais (Revista Nova Escola, 2008, p. 185).

Por isso é indispensável o olhar atento do docente, que deve planejar e montar suas aulas baseadas na realidade histórico/cultural e experiência de vida de seus alunos, pois, como citado acima, cada criança possui seu ritmo de aprendizagem e nem todas aprendem com a mesma facilidade. Esse será um passo importante para que a alfabetização ocorra de uma forma menos complicada e bem mais qualificada, já que: “Para aprender a ler e a escrever é preciso apropriar-se desse conhecimento, através da reconstrução do modo como ele é produzido. Isto é, é preciso reinventar a escrita. Os caminhos dessa reconstrução são os mesmos para todas as crianças, de qualquer classe social” (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p.85).

2.3 A ESCOLA ATUAL: OS DESAFIOS DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

Assim como o papel do professor vem se transformando ao longo dos anos, a escola nos dias atuais, também assume uma função primordial na consolidação de uma educação qualificada. Sendo esse um elo muito importante, uma vez que, a instituição escolar necessita oferecer um melhor suporte ao docente.

Sabe-se que na Idade Média, a educação era um produto escolar onde apenas a classe nobre tinha acesso. Com o passar dos anos e o processo de industrialização, houve uma maior preocupação em preparar as crianças para o mundo do trabalho, visto que, a partir desse momento existiam as fábricas, fazendo com que a escola fosse transformada numa instituição onde se prepararia uma mão de obra para as indústrias. Outro fator determinante foi a luta da classe trabalhadora, pelo direito de ter seus filhos frequentando a escola, o que acabou tornando essa instituição universal. Sobre isso, Manacorda, 2002, p.117, nos fala que:

“Historicamente, assim, é exatamente da educação, confiada no interior da “família” à educadores especialistas, aos filhos dos poderosos (do faraó, dos “minos”, do *anax*, do *basileu*, do *pater*) e, em torno dos quais se agregam os filhos de várias famílias eminentes, que surgem as primeiras “escolas públicas”, ou seja, abertas aos jovens de várias famílias que se interessavam, cada vez mais, pela vida pública e se caracterizam por esse conteúdo específico. Essas escolas, com o apoio da divisão do trabalho existente no próprio interior das classes dominantes, aparecem, por um lado, como escola de cultura para os “pensadores de classe”, seus “ideólogos ativos”. [...] e, por outro, como ginásios ou tribunais onde os cidadãos guerreiros se educavam para o exercício do poder político e da arte militar. [...] Mas, fossem escolas de sacerdotes ou de cidadãos-guerreiros, permaneciam como estruturas específicas e exclusivas para a formação das classes dominantes [...]”.

E continua dizendo que foi no final do século XVIII que se:

“[...] faz da escola, sem mais rodeios, um *politikum*, um interesse geral que o próprio poder não somente controla mas já organiza e renova como algo de sua própria competência. E à iniciativa do despotismo esclarecido se acrescenta logo a duas revoluções do novo e do velho mundo: nas palavras dos jacobinos, a instrução torna-se “uma necessidade universal” (MANACORDA, 2002, p. 358).

Como exemplo, cito um dos artigos da Constituição Federal Brasileira de 1988, artigo 205 que nos fala: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao

pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Hoje em dia a escola tem a função de oferecer conhecimentos que formem indivíduos agentes em seu cotidiano. Indivíduos que consigam refletir e cumprir com suas funções sociais a fim de se obter mais informação e ter acesso a um futuro profissional. “A escola é por excelência, o *lócus* ou espaço em que os educandos vão adquirir, de forma sistemática, recursos comunicativos que lhes permitam desempenhar-se competentemente em práticas sociais especializadas” (SOARES, 2004, p. 42). Porém, isso muitas vezes, não ocorre.

Segundo, Moysés (1994,p.31):

(...) grande parte do conhecimento veiculado em sala de aula não se afasta dos pseudoconceitos ou da simples memorização. Isso pode ser facilmente constatado quando examinamos os livros didáticos utilizados ou os chamados “cadernos dos professores”. Muito do que se dá e se cobra do aluno fica somente no nível do “estímulo-resposta”.

Esse novo olhar sobre o ensinar faz com que o papel do professor também mude, pois para conduzir estes processos de aprendizagem, exige-se a necessidade de novos processos de formação continuada, permitindo que os professores possam incorporar novos saberes e se mantenham constantemente atualizados.

É claro que, além dos conhecimentos básicos, o alfabetizador precisa de outros dons para se sair bem. Ele deve ter respeito pelos alunos, evitar o papel de cúmplice de um sistema interessado em manter esmagada uma grande parte do seu povo, confiar na capacidade de desenvolvimento dos alunos e ter criatividade, inventividade, iniciativa, combatividade e fé em sua capacidade de tornar este mundo melhor (LEMLE, 1988, p.6).

Ainda tem sido muito comum, as escolas pensarem na formação continuada através de cursos de capacitação, com palestras onde muitas vezes o professor apenas ouve o que devem fazer. Além disso, são cansativas e apresentam apenas reflexões periféricas, que em muitos casos não se sustentam na hora da prática. Nessa perspectiva, Schön (2000), afirma que o professor precisa atuar como um profissional que reflete sobre suas experiências e saberes, pois na medida em que coloca para si as questões do cotidiano com situações de desafio, estará abrindo espaços para a consolidação desse processo de reflexão. Para o citado autor, isso

implica um processo de pensar, ou seja, fazer uma ação/reflexão que permita a (re) orientação no mesmo momento que esta sendo executado.

Cró (1998, p.89), entende que:

Uma sociedade complexa, em constante mudança, requer dinamismo na formação do professor seja alfabetizador ou não. A formação meramente técnica, estática, deverá ceder espaço para um processo dinâmico de formação de professor, no bojo do qual a busca de autonomia, a capacidade de reconstrução de saberes, de competência pedagógica e a atitude reflexiva, sejam elementos norteadores.

Outros fatores também cooperam para que haja essa dificuldade no ato de alfabetizar, como por exemplo: Falta de materiais adequados, carga horária extensa, presença da família no ambiente escolar, dificuldades de aprendizagem dos alunos/evasão escolar e a própria formação universitária que em muitos casos não consegue aliar teoria e prática para uma qualificação docente. Arroyo (2007, p. 195) afirma que “saber mais sobre a docência para a qual se prepara seria um dos saberes mais formadores; seria o norteador para a conformação do currículo de formação”.

E é diante de toda essa realidade educacional que o professor necessita refletir e agir como mediador do conhecimento. Na verdade, os desafios devem servir para amadurecer sua prática, oferecendo subsídios para um novo fazer pedagógico, não permitindo que os desafios o amedrontem, pois, lidar com a alfabetização exige competência e compromisso na busca de uma transformação social e na formação de pequenos cidadãos.

2.4 PESQUISAS ATUAIS ACERCA DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A partir do que já foi apresentado passaremos a uma breve explanação acerca de algumas pesquisas e/ou relatos atuais acerca da alfabetização em letramento.

Muitos dos trabalhos encontrados sobre esta temática buscam compreender como na prática os educadores conseguem aliar esses dois processos e se os objetivos são realmente alcançados.

Dentre alguns destaco o trabalho de graduação intitulado: Alfabetização e letramento na educação infantil: oferecendo um espaço de acesso à leitura e escrita antes do ensino fundamental, escrito por Deise Rafaela Scheffel Monteiro (2010), trazendo como tema central a alfabetização e letramento na educação infantil. A pesquisa investigou como o docente que atua nessa área de ensino, pode propiciar um espaço de leitura e escrita eficiente para o desenvolvimentos dos alunos e nos revela a importância de um espaço lúdico como suporte interacional na descoberta e apropriação da aquisição da escrita.

Um outro trabalho a ser destacado buscou mostrar a importância dos gêneros textuais como instrumentos de ensino eficazes no processo de alfabetização, intitulado de: Gêneros Textuais na Alfabetização e Letramento, escrito por Ângela Aparecida Fernandes Amado (2013), debateu uma forma de melhorar e aumentar o gosto pela leitura em crianças que estão em processo de alfabetização e letramento. É um trabalho relevante para a temática, visto que muitos alunos sentem dificuldades no ato de ler e interpretar o que esta sendo lido, servindo de suporte para estudos de docentes que buscam melhorias na prática alfabetizadora.

No trabalho acerca da Formação Continuada e Práticas de Alfabetização, Gisele Angelina Bassani (2012) abordou a formação inicial e continuada de professores de séries iniciais do ensino fundamental, na busca de relacionar as práticas de alfabetização e letramento nas aulas. A análise revelou que 68% dos professores entrevistados cursaram graduação em modalidades de formação de professores para anos iniciais do ensino fundamental, porém muitos não tiveram instrução acerca da temática da alfabetização e letramento, atentando para uma readequação dos cursos acerca da temática, bem como a necessidade de formações continuadas e métodos mais específicos e eficazes para a aquisição da leitura e da escrita.

Por fim, apresento o estudo que faz uma relação entre a família e alfabetização, tendo como título: Alfabetização: A influência da família e do contexto social de Joyce Cardoso Figueira (2001), que primeiramente contextualizou a alfabetização em nosso país e no mundo e em seguida discutiu a vivência familiar e sua importância no processo de alfabetização. Sabe-se que a presença da família bem como o acompanhamento escolar se faz cada vez mais necessário, por isso este trabalho trouxe boas contribuições acerca desse elo e da reflexão sobre o contexto social na qual as crianças estão inseridas.

A partir disso, pode-se perceber como a temática acerca da Alfabetização e Letramento é emergente, relevante e ampla, conseguindo abranger diferentes olhares e elementos. É perceptível a sua importância dentro do âmbito escolar, conseguindo fazer um elo entre docência, pedagogia e demais públicos reavaliando métodos e traçando novos olhares em busca de uma educação e ensino qualificados.

3. METODOLOGIA

A pesquisa é uma forma de investigação, feita para ampliar o conhecimento, é uma descrição minuciosa e rigorosa do objeto de estudo. Este capítulo traz com detalhes a instituição escolhida, o método, os sujeitos, os instrumentos para a realização da mesma, bem como, o campo da pesquisa e onde ocorreu a coleta e análise de dados.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A referida proposta está embasada numa abordagem qualitativa e por uma pesquisa de campo para levantamento e análise de dados. De acordo com Lakatos e Marconi (1991, p.186):

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles.

Com relação a abordagem qualitativa descritiva, Neves (1996, p.1) esclarece que é “[...] um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados”. Sendo assim, nos permite realizar o registro preciso e detalhado do que acontece no lugar, possibilitando ao pesquisador, fazer uma análise do objeto de estudo a partir dos dados colhidos entre os professores e o gestor escolar.

Segundo Chizzotti (2006, p.1) “O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constitui objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”, seu caráter investigativo deixa os entrevistados pensarem livremente sobre o tema em questão, possibilitando ao pesquisador fazer uma análise do objeto de estudo a partir dos dados coletados entre os profissionais.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Torna-se importante destacar que participaram da pesquisa oito educadores que lecionam em uma Escola Municipal do município de Lagoa de Dentro - PB. O objetivo foi realizar um estudo exploratório, que possibilitou verificar como os educadores trabalham o alfabetizar na forma do letramento e quais os principais desafios encontrados.

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Os procedimentos que anteciparam à coleta deram-se, teoricamente, através do termo de consentimento, que serviram de condição para que a escola permitisse a efetivação da pesquisa. O referido termo foi direcionado a gestora com: Termo de Anuência da Instituição/Autorização para a Pesquisa, e as educadoras como: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido servindo de base para o desenvolvimento da análise desejada, favor recorrer aos anexos deste trabalho.

Como instrumentos de pesquisa fez-se uso de um questionário estruturado, previamente elaborado, contendo questões abertas (constam de perguntas acerca da temática em questão) e fechadas (referentes aos dados sócio demográficos dos participantes), de forma a buscar respostas ao objetivado na pesquisa. A entrega foi agendada previamente com os participantes, bem como os procedimentos de respostas e entrega do mesmo dentro do período de 24 horas.

O questionário destacou brevemente o perfil do sujeito pesquisado, abordando o tema em estudo que versa sobre os desafios do professor na perspectiva do alfabetizar letrando, composto por 5 questões abertas, buscando uma melhor compreensão e análise sobre o perfil, atuação e desafios encontrados, além de perceber como cada um dos docentes utiliza os conceitos de alfabetização e letramento em sala de aula.

Realizou-se ainda uma observação assistemática dos locais (salas de aula e estruturas) bem como materiais didáticos utilizados e das aulas ministradas, pelas respectivas educadoras, buscando perceber aspectos importantes para o estudo.

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma escola municipal que fica localizada na cidade de Lagoa de Dentro PB. Fundada em 1998 esta situada na Rua Projetada, Bairro Novo, funciona nos turnos manhã (07:00 as 11:00 hrs), tarde (13:00 as 17:00) e noite (19:00 as 22:00), atendendo turmas desde o Pré I ao 5º ano (períodos da manhã e tarde) e turmas da EJA – Educação de Jovens e Adultos (período noturno). A Instituição possui 4 salas de aula, 5 banheiros sendo estes 2 acessíveis (masculino e feminino), 2 banheiros sociais (masculinos e femininos) e 1 banheiro para funcionários, 1 laboratório de informática, sala de leitura, cozinha, pátio e um total de 350 alunos, sendo estes de classe média baixa, filhos de agricultores e comerciantes da cidade. A escola possui PPP, criado em 2009. Além disso, esta incluída no Programa Mais Educação¹, ofertando oficinas de Leitura e escrita, Informática, Teatro, Judô e aulas de violão no contra turno das aulas.

3.4 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

A partir das respostas obtidas através dos questionários entregues aos docentes, passaremos a analisar e refletir individualmente cada uma das respostas, levando em consideração os aspectos observados ao longo de todo o processo. A análise das questões foram organizadas seguindo o critério de categorização, ou seja, organização de conceitos que argumentam determinado objeto ou fenômeno.

¹ Constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES - DESAFIOS ACERCA DO ALFABETIZAR/LETRAR: DIZER DE PROFESSORES

Em vista dos argumentos até aqui elencados a respeito do alfabetizar/letrar e da ação docente nesse processo, partimos para uma ação mais efetiva que é o olhar e percepção do professor acerca de questionamentos que fazem parte de sua rotina diária.

Assim, consultou-se 8 professores todos com graduação em Pedagogia e Pós graduação nas áreas de: Educação Básica (1), Psicopedagogia (6) e Gênero e Diversidade na escola (1), a fim de que os mesmos relatassem um pouco sobre a sua prática, planejamento e desafios.

Em um primeiro momento visitou-se a escola na busca de conhecê-la melhor e de ter uma conversa com a gestora a fim de que a mesma pudesse autorizar a realização desta pesquisa. A mesma prontamente se disponibilizou a ajudar e assinou o termo de anuência (em anexo), autorizando a continuação de nosso processo. Em seguida nos períodos da manhã e tarde foi possível observar um pouco da dinâmica da escola e salas de aula, bem como a participação dos alunos nas atividades, conversar com os professores e mostrar a proposta do trabalho. Devido ao pouco tempo disponibilizado pela escola, os docentes tiveram que levar o questionário para responder em casa, sua entrega foi feita 2 dias depois. É necessário enfatizar que para fins éticos optou-se por preservar a identidade dos professores entrevistados e que todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Mediante ao que foi descrito, passaremos a destacar os principais pontos enfatizados pelos professores, ressaltando que as análises serão feitas a partir da transcrição fiel das respostas dos entrevistados.

No primeiro momento se fez necessário perceber como os docentes definiriam os conceitos de alfabetização e letramento e se haveria alguma distinção entre os mesmos.

“Alfabetização é a aquisição do código da escrita e da leitura, esta se faz pelo domínio de uma técnica: grafar e reconhecer letras, usar papel, entender a direcionalidade da escrita, pega no lápis, codificar e estabelecer relações entre as letras de fonemas. Letramento é a utilização dessas técnicas em práticas sociais de leitura e escrita.” (Professor 1)

“Alfabetizar é o início da aprendizagem, do desenvolver; Letramento é o saber ler e escrever de forma clara e objetiva. Porém o processo de alfabetização tem sofrido algumas mudanças e isso tem trazido uma maior dificuldade para os professores e alunos. Talvez seja pela inovação que por vezes permite que o aluno chegue ao 9º ano sem saber compreender o que esta lendo ou escrevendo.” (Professor 2)

“São processos de suma importância para o aprendizado inicial da criança, pois é a base que os alunos levarão para vida toda. A distinção percebida nesses processos é que um aluno alfabetizado conhece as letras compreendendo seus sons e significados. Já o aluno letrado possui um conhecimento mais amplo sobre a leitura e escrita, interpretando com mais precisão e clareza tudo que ler. Quando temos um aluno alfabetizado e letrado o mesmo é capaz de manejar a língua e a linguagem em seu contexto social, sendo capaz de compreender qualquer assunto.” (Professor 3)

“Alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever; letrado é aquele que sabe ler e escrever, mas que responde adequadamente as demandas sociais da leitura e da escrita. A distinção entre esses processos é que um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado.” (Professor 4)

“É um processo em construção, pois alfabetizar e letrar são ações distintas mas não inseparáveis. Sim, porque a alfabetização acontece quando um indivíduo consegue decodificar as palavras, porém é no letramento que acontece a compreensão da leitura, da escrita e interpretação de textos.” (Professor 5)

“É um processo que ocorre em diversas situações cotidianas de adultos e crianças, pois estamos expostos aos mais variados materiais escritos. A prática pedagógica que se propõe ao ‘alfabetizar letrando’ visa propiciar condições para que os alunos atuem nesse contexto, interagindo socialmente por meio de textos escritos mesmo antes de dominar completamente o sistema alfabético de escrita.” (Professor 6)

“Defino a alfabetização como sendo um processo através do qual se aprende a ler e escrever, decifrando o código escrito. Já o letramento como processo no qual o indivíduo não apenas lê e escreve, mas exerce práticas sociais da leitura e escrita, lendo, interpretando e produzindo textos. O alfabetizar e o letrar apresentam distinções, mas são indissociáveis, tendo em vista que se complementam.” (Professor 7)

“Acredito que a alfabetização diz respeito ao saber decodificar as letras, juntando as sílabas e formar palavras que posteriormente vem a ser o texto, ou seja, o indivíduo alfabetizado tem a capacidade de ler as palavras, porém, não identifica idéias que podem ser transmitidas no decorrer do enunciado. Já o indivíduo letrado tem a possibilidade de ler e compreender o texto, extraíndo algumas idéias implícitas no texto.” (Professor 8)

Através das respostas dos professores pode-se perceber que os mesmos destacaram a importância social como fator determinante para o alfabetizar/letrando, onde o contexto social e a vivência com os diferentes gêneros textuais efetivam o aprendizado do aluno. É importante destacar a fala do professor nº2, onde ele enfatiza um ponto muito importante a respeito do aluno no ensino fundamental ainda não conseguir ler, escrever e interpretar de forma coerente, devido principalmente as

novas regras de ensino, que por vezes, faz com que o docente aprove o aluno sem as condições necessárias para isso.

De um modo geral, os docentes percebem a distinção entre os processos de alfabetização e letramento, identificando como alfabetizado o indivíduo que decodifica e sabe ler e escrever, já o letrado como aquele que interpreta e interage com a sociedade de uma forma coerente, como bem enfatizado pelo professor nº4 que nos fala que “um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado”.

Tfouni (2002, p. 20), afirma que “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”. Assim, o letramento estabelece uma conexão entre as práticas sociais de leitura e escrita que circula em nosso cotidiano, sejam em revistas, cartazes, TV, radio, redes sociais entre outros. O que nos faz perceber que os dois conceitos são distintos mas caminham juntos em prol de uma aprendizagem efetiva.

A pergunta seguinte indagou a respeito das práticas de alfabetização e letramento, buscando saber se o professor consegue aliar as mesmas em sua didática:

“Acredito que sim. A aprendizagem da leitura e da escrita depende de duas portas de entrada, distintas mais indissociáveis e que necessitam ser trabalhadas ao mesmo tempo: Alfabetização e letramento.” (Professor 1)

“Sempre no início do ano letivo faço uma sondagem na leitura e escrita e durante o ano trabalho muitas produções, pois acho que é uma das melhores formas de ajudar alunos no desenvolvimento da escrita e leitura. As produções são corrigidas individualmente, escrevo no quadro e juntos descobrimos onde houve erros.” (Professor 2)

“Sim. Trabalho muito com textos lúdicos, de acordo com a realidade de aprendizagem de cada aluno, aproveitando cada conhecimento prévio dos alunos, isso ajuda muito no processo de ensino aprendizagem.” (Professor 3)

“Sim, pois a prática do alfabetizar letrando pode instrumentalizar o aprendizando sem subtrair dele seus conhecimentos prévios e valores para o processo de alfabetização, já que encontramos diferentes tipos de letramento em cada um dos educandos, uma vez que cada um deles está inserido em um núcleo familiar e social diverso.” (Professor 4)

“As vezes. Acredito no processo de alfabetização silábico, portanto, procuro inserir textos que levem ao aluno refletir e desenvolver sua habilidade criativa.” (Professor 5)

“Sim. Porque são duas práticas que ocorrem no processo aprendizagem. Essa opção pedagógica permite trabalhar diversos temas em sala de aula, já que os textos que circulam socialmente trazem informações e assuntos variados.” (Professor 6)

“Sim. Tenho procurado aliar práticas de alfabetização e letramento, promovendo o contato com textos diversificados, estimulando a leitura e a reflexão e o desenvolvimento da escrita de forma significativa.” (Professor 7)

“Busco trabalhar a idéia de letramento, com atividades que vão além das palavras, através de textos não verbais, procurando sempre ouvir as dificuldades de cada aluno e o que ele pensa acerca do texto e das imagens.” (Professor 8)

O intuito de ter feito essa pergunta aos professores é devido saber da grande dificuldade que é aliar as práticas de alfabetização ao letramento. Infelizmente, o letramento ainda não é muito difundido nas capacitações, ou por vezes é entendido como o ato de alfabetizar. Percebe-se que o professor nº1 sentiu um pouco de dificuldade em descrever como essa prática pode ser melhor trabalhada em sala de aula, mas é bastante importante notar o quanto eles estão buscando e pesquisando novas práticas e formas para alfabetizar de forma diversa. Textos, vídeos, imagens e até a própria conversa com os alunos estimulam sua percepção e reflexão que se tornam aprendizados para toda a vida. Outro ponto destacado por alguns é a importância da sondagem e do olhar acerca do conhecimento prévio dos alunos, “... o educador precisa entender que o educando tem um saber a oferecer, pois este não é uma ‘tábua rasa’, vazia, sem conteúdo” (FREIRE, 1992, p. 104). É bom notar que os docentes já conseguem aliar a prática alfabetizadora de uma forma diversificada desde as séries iniciais, pois ainda observamos em nossas escolas uma grande dificuldade dos alunos em produzir simples histórias o que acarreta uma grande defasagem em toda a sua vida escolar.

A terceira pergunta indagou a respeito das estratégias didáticas que os docentes utilizavam e as que eles consideravam mais eficazes no processo de ensino aprendizagem:

“Estratégias de leituras contextualizadas, buscando a interpretação de textos e o uso do conhecimento de mundo para entendê-lo.” (Professor 1)

“Como todas as estratégias visam atingir objetivos, busco sempre apresentar os conteúdos através de aulas expositivas, com a participação dos alunos, para que haja um conhecimento prévio do que será abordado. Utilizo de atividades diversificadas de forma individual ou em grupo.” (Professor 2)

“Sempre procuro inovar, levando estratégias que prendam a atenção dos alunos. Uma das estratégias principais é o planejamento diário das aulas ministradas, utilizar atividades com figuras e desenhos preferidos da turma e também as estratégias ensinadas pelo PNAIC², utilizando jogos e brincadeiras.” (Professor 3)

“As estratégias mais eficazes desenvolve-se a partir de métodos adotados a fim de facilitar uma compreensão mais clara e ampla. Utilizo de músicas, jogos educativos, atividades orais e escritas, aulas explicativas e expositivas. Métodos necessários para desenvolver conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que possibilitem a construção constante de saberes a partir da necessidade e desafios impostos no cotidiano.” (Professor 4)

“Leitura, interpretação de textos, produção textual, contação de histórias, caça palavras, bingo de palavras, palavras cruzadas, autoditado e treino ortográfico.” (Professor 5)

“As estratégias didáticas mais utilizadas são a leitura e escrita de pequenos textos, interpretação oral e escrita, treino da ortografia, produção textual verbal e não verbal.” (Professor 6)

“Leitura oral (individual ou em grupo), contação de histórias, interpretação de textos, aplicação de autoditado, produção textual e jogos.” (Professor 7)

“Costumo utilizar a associação de imagens envolvendo as sílabas com iniciais de palavras, por exemplo: na família silábica da letra C, faço um desenho representativo e a partir daí começo a introdução de textos, contação de histórias, interpretação coletiva, jogos.” (Professor 8)

Sabe-se que cada turma merece um olhar atento do docente, principalmente relacionadas as estratégias que se deve utilizar para melhor alcançar seus objetivos. Isso ocasiona uma variação de métodos em virtude de que cada aluno recebe essa informação de uma forma diversa, com um olhar próprio, daí o motivo desse momento ser tão dificultoso para os docentes. Através do que os professores descreveram percebe-se a tentativa de inovar e a busca por métodos que estimulem a compreensão da leitura e escrita de uma forma mais aguçada e é por isso que o papel do educador se faz tão indispensável nesses momentos, pois agora ele age como um intermediador do conhecimento e não mais como detentor único do saber. Atento para o uso das cartilhas como citado pelo professor nº8. Teve-se a oportunidade de observar as turmas e vê que a grande maioria a utiliza, mas agora de uma forma mais contextualizada, dinâmica e não restrita apenas a ela.

A quarta questão versou a respeito das dificuldades na hora de planejar, se eles existem ou não:

² Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

“Não. A secretaria de educação trabalha com uma equipe pedagógica que acompanha todos os educadores, dando total apoio através de reuniões e acompanhamentos diários, tirando as dúvidas dos professores.” (Professor 1)

“Não.” (Professor 2)

“Não, pois temos suporte da secretaria de educação que disponibiliza coordenadores para nos orientar com as dificuldades e dúvidas.” (Professor 3)

“Sim, pois as turmas são heterogêneas, havendo assim uma gama de dificuldades em aplicar conteúdos e estratégias que atendam as necessidades de forma adequada.” (Professor 4)

“Sim. Falta de material didático adequado a realidade da turma.” (Professor 5)

“Sim. Porque nem toda turma acompanha os conteúdos iguais, temos que planejar de maneira que todos alcancem um só objetivo.” (Professor 6)

“Sim, em virtude dos diferentes níveis de aprendizagem e da falta de materiais didáticos e pedagógicos necessários.” (Professor 7)

“Não. Temos supervisores pedagógicos que nos auxiliam no processo de planejamento.” (Professor 8)

Essa pergunta revelou algo bastante interessante e importante, as escolas da cidade possuem supervisores pedagógicos que realizam constantes visitas e conversas com os docentes. Isso é muito valioso, principalmente devido as dificuldades relatadas pelos demais como, por exemplo, turmas heterogêneas, a aprendizagem individual de cada aluno e a falta de materiais adequados para o planejamento. Segundo Pires (1990) o supervisor escolar tem diferentes qualidades. Dentre elas estão, a de ser capaz de promover a interação entre os grupos que atuam na escola, zelar pela qualidade do ensino, colaborar diretamente com os professores, com os alunos e suas famílias, e acima de tudo, transformá-los em instrumentos capazes de facilitar mudanças. Todos ganham nesse processo.

Na quinta pergunta tentamos descobrir um pouco dos desafios enfrentados pelos docentes no processo de alfabetização, se eles existiam e quais seriam:

“Sim. Falta de participação dos pais e familiares com os filhos na escola, é o maior desafio.” (Professor 1)

“Acho que há sim. O maior desafio é conseguir conscientizar a família em buscar participar mais do desenvolvimento do filho e isso torna-se difícil por que na escola o tempo é pouco para que o aluno aprenda tudo que se deve.” (Professor 2)

“Sim. São várias, as principais geralmente são a falta de participação dos pais na vida escolar dos filhos. A maioria das crianças com dificuldades no aprendizado vem de famílias desestruturadas, a evasão escolar as salas de aula superlotadas.” (Professor 3)

“Sim. Pois falar de alfabetização é um tanto complexo até mesmo pela diversidade de métodos utilizados e ainda devido a dificuldade de aprendizagem dos alunos como: reprovação e evasão escolar.” (Professor 4)

“Muitos desafios: Ausência da família, material disponível e de qualidade, incluir alunos que apresentam deficiências.” (Professor 5)

“Sim. Alfabetizar é o maior desafio que existe. Mesmo sabendo que tem diversas formas de alfabetizar, hoje a maioria da dificuldade encontrada é a falta de interesse dos alunos.” (Professor 6)

“Sim, muitos: a indisciplina, a falta de concentração dos alunos, de apoio da família e de recursos didáticos adequados e suficientes.” (Professor 7)

“Muitos, mas o principal deles é a falta de interesse por parte de alguns alunos e a falta de apoio familiar, sendo que muitos pais se preocupam com a frequência para não ser penalizado com cortes no bolsa família, mas não estimulam seus filhos em suas atividades de casa ou mesmo não os incentivam a estudando, mostrando que um futuro promissor depende de uma boa educação.” (Professor 8)

Elencar os desafios enfrentados no cotidiano do docente chega a ser até desanimador. Como nos diz o professor nº 8 “um futuro promissor depende de uma boa educação”, mas infelizmente a realidade é dura e é por isso que pesquisas nos mostram que aproximadamente 12,9 milhões de pessoas no Brasil são analfabetas (Fonte: IBGE/Pnad 2015). Segundo a mesma fonte “a Região Nordeste, mais uma vez, a que registrou a taxa mais alta 26,6% de analfabetos funcionais.” Com relação a evasão escolar, que foi outro ponto destacado pelos docentes, “na média, os brasileiros com mais de 15 anos estudam por 8,2 anos, portanto ficaram menos tempo na escola do que o que a lei determina -- para completar o ensino fundamental são necessários 9 anos de estudo”. O fato é que dados do governo indicam fatores positivos para o ensino do país e apontam que a mesmo esta em constante evolução. Esquece-se de frisar que para se alcançar um bom ensino os docentes necessitam de materiais adequados e de qualidade, que escolas estejam preparadas para receber esses alunos e que a família também receba a instrução e acesso correto para chegar até a mesma. Falando sobre isso, a maior parte dos docentes elegeram a família como principal desafio enfrentado na hora de alfabetizar. É inegável que o apoio e acompanhamento familiar deve ser o pilar dessa pirâmide. Ambos devem caminhar lado a lado, pois quando os pais participam

ativamente da vida escolar dos filhos, a tendência é que os mesmos se dediquem, esforcem e sintam-se valorizados, o que conseqüentemente ajudará no seu desenvolvimento em sala de aula.

Como bem nos diz Piaget:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades[...] (2007, p.50).

Por isso, a escola também pode buscar e orientar esse pais, mostrando a importância de se conhecer as realidades ali presentes e a solução para as dificuldades vivenciadas, pois “ ... a escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos (REIS, 2007, p. 6).”

Continuando na tentativa de perceber o cotidiano dos docentes, perguntamos (sexta pergunta) acerca da estrutura escolar e dos materiais disponibilizados para o ensino:

“Precisamos garantir que a escola disponha de vários recursos didáticos. A secretaria de educação pode também complementar os acervos, adquirindo mais obras literárias e outros livros destinados ao público infantil.”
(**Professor 1**)

“Sim, porque temos um espaço amplo, materiais didáticos de boa qualidade para os níveis e materiais pedagógicos bons.” (**Professor 2**)

“Sim, a escola esta de acordo com as condições. A gestão escolar faz o possível pelo bem estar dos alunos, quanto ao espaço físico, por ser uma escola nova é bem ampla e arejada.” (**Professor 3**)

“Quanto a estrutura escolar não deixa muito a desejar. Já os materiais disponibilizados deixam uma falha imensa, pois são poucos e muitos não atendem as necessidades dos educandos.” (**Professor 4**)

“Não, porque falta um ginásio poliesportivo e o material é escasso.”
(**Professor 5**)

“Sim. Alfabetizar é o maior desafio que existe. Mesmo sabendo que tem diversas formas de alfabetizar, hoje a maioria da dificuldade encontrada é a falta de interesse dos alunos.” (**Professor 6**)

“Sim, muitos: a indisciplina, a falta de concentração dos alunos, de apoio da família e de recursos didáticos adequados e suficientes.” (Professor 7)

“Muitos, mas o principal deles, é a falta de interesse por parte de alguns alunos e a falta de apoio familiar, sendo que muitos pais se preocupam com a frequência para não ser penalizado com cortes no bolsa família, mas não estimulam seus filhos em suas atividades de casa ou mesmo não os incentivam a estudando, mostrando que um futuro promissor depende de uma boa educação.” (Professor 8)

A escola visitada é bem conservada, até porque passou por uma reforma no ano de 2015. As salas são bem ventiladas, organizadas e espaçosas. Todos os alunos possuíam cadeiras e mesas para se acomodar e os materiais necessários para um bom andamento das aulas estavam disponíveis próximos as professoras, os móveis eram novos e bem cuidados e as salas estavam limpas e bem ornamentadas. Percebe-se que a instituição prima pelo zelo, estando em boas condições de funcionamento e conservação.

O cuidado com o ambiente físico da escola também é de suma importância para o desenvolvimento da aprendizagem, como nos afirma Portela (2001. p. 175):

Tudo na escola deve ser feito para educar. Tudo. Assim, a sujeira deseduca, o abandono deseduca, a desorganização deseduca. Por outro lado, a limpeza educa, a organização educa, as paredes educam, os quadros educam, as plantas educam. Por isso a estrutura física para mim é importante para a visualização da seriedade do processo e da concepção que se tem da escola.

Como bem destacou o professor nº 5 a escola apenas não apresenta quadra poliesportiva para proporcionar atividades um pouco mais lúdicas, porém possui um pátio bastante amplo para a realização de algumas atividades. Com relação ao material didático, é um problema que a maioria das escolas brasileiras enfrentam. O que dificulta é que muitos docentes ainda não possuem acesso a tecnologia e acabam dependendo exclusivamente do livro didático. Além disso, a falta de jogos e outros complementos educacionais fazem com que o processo de ensino se torne enfadonho e rotineiro. A escolha do livro didático por vezes se faz de forma aleatória e não condiz com o que o professor necessita em sala de aula. É necessário atentar que o material didático não deve ser a única fonte de pesquisa dos professores, mas age como instrumento principal de pesquisa e apoio na prática educacional.

A sétima pergunta foi relacionada as capacitações oferecidas aos professores. Por unanimidade todos responderam que elas existem constantemente,

porém às vezes os profissionais que as oferecem não são capacitados e acabam deixando dúvidas a respeito de algumas temáticas. Outro ponto a ser destacado é que todos as consideram de grande importância por ser um instrumento valioso de enriquecimento de conteúdos e estratégias de ensino.

Sabendo da importância que a escola e o docente possui, perguntou-se quais eram os principais objetivos dos educadores:

“Planejar o ensino na alfabetização analisando e criando propostas de organização de rotinas de alfabetização na perspectiva do letramento, adequando-os as diferentes necessidades dos alunos.” (Professor 1)

“Meu principal objetivo é fazer com que eles adquiram maior conhecimento e que se tornem conhecedores dos seus direitos e deveres.” (Professor 2)

“É ser um porto seguro para o meu aluno, principalmente para aqueles que mais precisam. Ensinando não só a ler e escrever, mas também valores que eles possam levar para toda a vida. Sabemos o quanto o professor pode marcar a infância dos alunos, positivamente e também negativamente.” (Professor 3)

“Meu principal objetivo como educadora é favorecer aos meus educandos de uma forma coerente e eficaz, procurando também compreender o estudante de forma integral, buscando identificar suas necessidades de desenvolvimento no nível intelectual, físico, emocional, social e cultural.” (Professor 4)

“Meu principal objetivo como educadora é facilitar o processo de aprendizagem dos alunos, tornando-os cidadãos críticos, criativos e autônomos.” (Professor 5)

“Manter o acompanhamento presente na instituição. Planejar e acompanhar o currículo escolar. Socializar o saber docente e discutir permanentemente o aproveitamento escolar.” (Professor 6)

“Mediar a aprendizagem, pois nos permitem melhorar nossas práticas pedagógicas juntos aos educandos, inovando e ampliando conhecimentos.” (Professor 7)

“Meu objetivo como educador é ver uma criança lendo e dizendo o que entendeu da leitura. É vê-lo na escola ao invés de vê-lo nas ruas pedindo para que futuramente, ele possa ter uma vida melhor e assim saber que fez parte disso.” (Professor 8)

É de grande valia destacar esse tópico devido a fundamental importância do papel do educador nos dias atuais. Observa-se através dos discursos que mesmo com palavras distintas os professores almejam o melhor para cada aluno. Sejam através de práticas inovadoras, conversas, pesquisas, capacitações. O professor está fortemente marcado por uma busca constante de um aprendizado qualificado e inovador.

Ao fim do questionário foi perguntado se os professores gostariam de acrescentar algo a mais acerca do processo de alfabetizar letrando. Sobre isso a maior parte respondeu que é necessário mais capacitações a respeito do tema, com estratégias mais concretas a fim da realização de um trabalho de qualidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto ao longo deste trabalho e das análises realizadas através das entrevistas com os professores acerca dos desafios do docente e da prática do alfabetizar letrando percebeu-se o quanto ainda é necessário abranger a temática do letramento nas instituições escolares.

Ao longo desses meses foi possível adentrar no espaço escolar e observá-lo de uma forma bem mais crítica e menos superficial. Conversar (mesmo que por um tempo reduzido) com os professores e fazer essa contrapartida para a análise dos dados aqui disponibilizados foi essencial para perceber o quanto ainda é dificultoso para muitos, falar sobre essa temática e principalmente numa prática aliada ao letramento.

Através das conversas muitos questionaram a respeito da escolha do tema e na hora da entrega dos questionários houve um pouco de receio sobre o que ali estava escrito e até comentários de “como foi difícil responder”. Mas essa foi justamente a intenção e o motivo da escolha. Perceber o quanto a educação ainda deve priorizar por capacitações e atentar para as dificuldades do docente. Saber que eles possuem também suas limitações e que por vezes, na hora de citar seus desafios, já aparentam está tão acostumados que os parecem “coisas” normais ou que de “esquecidas” já não devem ser questionadas.

As respostas mesmo que tímidas voltam-se para problemas reais e que influenciam bastante na rotina escolar: as capacitações (já citadas), falta de materiais, estrutura escolar (citados por alguns) e acompanhamento pedagógico estão entre elas. Destaco as distorções entre as respostas, onde uma parte diz ter acompanhamento pedagógico e outros não. Outro ponto relevante e indispensável é a presença da família nesse processo. A família que cada vez mais atribui unicamente à escola o papel de educar e que por isso se ausenta e perde o direito de cobrar melhorias e de orientar seus filhos nesse percurso, ocasionando baixa frequência escolar, evasão escolar e conseqüentemente uma parcela de pessoas analfabetas funcionais.

Vale ressaltar que apesar dos resultados obtidos, estes dados não podem ser considerados conclusivos, visto que, sempre há necessidade de outras pesquisas

que visem aprofundar a temática em questão, buscando ampliar o conhecimento e oportunizar o trabalho pedagógico no universo educacional pesquisado.

Desse estudo ficam grandes aprendizados. Saber que alguns professores dos quais foram entrevistados estão procurando se qualificar, pesquisar e que objetivam o melhor para os seus alunos é um deles. Entender que aliar a teoria e a prática ao qual tanto falamos ao longo do curso de Pedagogia é um processo lento, gradual e difícil, é outro ponto. Atentar para os desafios de uma forma bem mais abrangente seria o terceiro aprendizado. Mas o principal é perceber que o inovar no ato educacional é uma necessidade encarada por muitos com certa rejeição, principalmente quando parte da alfabetização. Logo ela que se inicia desde quando nascemos, que se reinventa a cada novo gesto, momento, brincadeira e interação, que exige do professor um olhar reflexivo, atento e particular, mostrando o quanto é importante o papel do professor nessa construção, como bem nos diz Paulo Freire (1999): “Ninguém nega o valor da educação e que um bom professor é imprescindível. Mas, ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Isso nos mostra o reconhecimento que o trabalho de educar é duro, difícil e necessário, mas que permitimos que esses profissionais continuem sendo desvalorizados. Apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação, grande parte resiste e continua apaixonada pelo seu trabalho... Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem ‘águias’ e não apenas ‘galinhas’. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda”. Continuemos então nessa busca constante por uma valorização profissional e consequente melhoria educacional e formação cidadã de nosso país.

6. REFERÊNCIAS

AMADO, Ângela Aparecida Fernandes. **Gêneros Textuais na Alfabetização e Letramento**. Lins, 2013, p.71. Disponível em:<<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56012.pdf>>. Acesso em: 04/10/2017.

ARROYO, M. G. **Condição docente, trabalho e formação**. In: SOUZA, J. V. A. (Org.) Formação de professores para a educação básica: dez anos da LDB. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BASSANI, Gisele Angelina. **Formação Continuada e Práticas De Alfabetização**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual de Maringá - UEM, 2012. Disponível em:<http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos_2012/GISELE_ABASSANI.PDF>. Acesso em: 01/10/2017.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14ª edição. São Paulo: Saraiva 2008.

BORGES, Cecília M. F. **O professor da educação básica e seus saberes profissionais**. Araraquara: JM Editora, 2004.

BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 1996. Disponível Em:<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivo/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federal do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Imprensa Oficial. Brasília, DF, 1988.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006. 144p.

CRÓ, Maria de Lurdes. **Formação inicial e contínua de professores/educadores: estratégias de intervenção**. Porto: Porto Editora, 1998.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSK, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas 1985. 284p.

_____. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102. p, v.2.

_____. **O momento atual é interessante porque põe a escola em crise.** Revista Nova escola. Grandes pensadores, edição especial. São Paulo: Outubro, 2008. Disponível em: <http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/grandes_pensadores_educacao.pdf>. Acesso em: 18/09/2017.

FIQUEIRA, Joyce Cardoso. **Alfabetização: A Influência da Família e do Contexto Social.** V.2, n.1, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1300/1111>>. Acesso em: 10/10/2017.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** 22 ed. São Paulo: Cortez, 2001. 80 p.

_____. **O cotidiano do professor.** 4 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 12ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

KATO, M. A. **O Aprendizado da leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 1985.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1991. 270p.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador.** 2ª Ed. São Paulo. Ática. 1988. Série Princípios.

MANACORDA, M. A. **História da Educação : da antigüidade aos novos dias.** 10. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MONTEIRO, Deise Rafaela Scheffel. **Alfabetização e Letramento na Educação Infantil: Oferecendo um espaço de acesso a leitura e escrita antes do ensino fundamental.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Curso de Pedagogia: Ensino a Distância: Licenciatura. Trabalho de conclusão de graduação. P.32, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/36525>>. Acesso em: 08/10/2017.

MOYSÉS, Lúcia. **O desafio de saber ensinar.** Campinas, SP: Papirus, 1994.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisa em administração. FEA-USP. São Paulo, v. 1. n. 3. 2º sem, 1996.

Organizações das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação Para Todos (Conferência de Jomtien).** Tailândia: Unesco, 1990. Acesso em: 22 de setembro de 2017.

PÉREZ, Francisco Carvajal & GARCÍA, Joaquín Ramos. **Ensinar ou aprender a ler e a escrever.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

PIRES, Maria Ribeiro. **O Papel do Profissional na Escola.** In: Revista do Departamento de Ensino do 2º Grau. SEE/MG, 1990.

PORTAL G1.COM. **Taxa de analfabetismo cai 4,3 pontos percentuais em 14 anos, diz IBGE.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/11/taxa-de-analfabetismo-cai-43-pontos-percentuais-em-14-anos-diz-ibge.html>>. Acesso em: 22/09/2017.

PORTELA, Adélia Luiza e ATTA, Dilza Maria Andrade. **A Dimensão Pedagógica da Gestão da Educação.** In: RODRIGUES, Maristela e GIÁGIO, Mônica Guia de Consulta para o Programa de Apoio aos Secretários Municipais de Educação – PRASEM III Brasília: FUNDESCOLA/MEC, 2001. p. 119 a 175.

REIS, Risolene Pereira. In. **Mundo Jovem**, nº. 373. Fev. 2007, p.6.

RIBEIRO, Vera Masagão. (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF (Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional).** São Paulo: Global, 2003.

SCHÖN, D.A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Fábio P. da. **O ensino escolar da leitura: Questões norteadoras.** In: Anais do XXI GELNE, João Pessoa: Ideia, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Revista Brasileira de Educação, n. 25, 2004.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização.** 5ª ed. São Paulo, Cortez, 2002.

VARGAS, Suzana. **Leitura: uma aprendizagem de prazer.** 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

VYGOTSKI, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

7. APÊNDICE



**ESTADO DA PARAIBA
ESCOLA DE ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL
PROFESSORA MARIA BERNADETE ADELAIDE
Rua: Antonio Marques, s/n – CEP.: 58250.000
Lagoa de Dentro - PB**

TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, _____, gestor (a) desta instituição de ensino, aceito a pesquisadora Rayane Estevão Cipriano da Silva, sob a orientação do Professor Mestre Carlos da Silva Cirino, da Universidade Federal da Paraíba–UFPB do Curso de Pedagogia a Distância, a realizar a pesquisa intitulada: Os Desafios do professor alfabetizador de séries iniciais na perspectiva do alfabetizar/letrando.

Ciente dos objetivos e da metodologia da pesquisa supracitada, concedo a autorização para seu desenvolvimento.

Lagoa de Dentro - PB, ____/ ____/ 2017.

Gestor (a)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e participar na pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado (a): OS DESAFIOS DO PROFESSOR ALFABETIZADOR DE SÉRIES INICIAIS NA PERSPECTIVA DO ALFABETIZAR/LETRANDO, desenvolvido pela pesquisadora Rayane Estevão Cipriano da Silva, a quem poderei contatar/ consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº ----- ou email: ----- . Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais busca investigar e identificar as dificuldades encontradas pelos docentes no processo do alfabetizar/letrando e ao mesmo tempo fazer uma análise acerca dos conceitos de alfabetização, letramento e estratégias de ensino utilizadas. Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Educação, do Ministério da Educação. Minha colaboração se fará de forma anônima por meio de questionário. O acesso e a análise dos dados coletados se farão pela pesquisadora. Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse(a) estudo/pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Lagoa de Dentro, ____/_____/2017.

Assinatura do (a) participante



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA

Esta é uma pesquisa monográfica que busca compreender os desafios enfrentados pelos docentes sobre o processo de alfabetização e letramento. Através deste instrumento gostaríamos de sua participação no preenchimento de algumas questões: sócio demográficas e algumas relacionadas a nossa temática. Não há necessidade de qualquer identificação, uma vez que estamos apenas interessados em saber sua compreensão e seu entendimento sobre nosso estudo. Não há respostas corretas e nem erradas e em nenhum momento o participante será identificado.

Agradeço pela participação.

Nome: _____

Graduação: _____

Especialização: () Sim () Não Especificar: _____

Tempo de atuação docente: _____

Turmas que leciona: Quantidade _____ Séries : _____

Quantidade de alunos: _____

1. Como você definiria o processo de Alfabetização e Letramento? Percebe distinção entre esses processos?
2. Você consegue aliar as práticas de alfabetização e letramento em sua didática? Especificar.
3. Quais as estratégias didáticas que você costuma utilizar e que considera mais eficazes no processo de ensino-aprendizagem?
4. Há dificuldades na hora de planejar? Se sim, quais?
5. Há desafios enfrentados no processo de alfabetização? Se sim, quais?
6. Você considera a estrutura escolar e os materiais disponibilizados adequados? Por quê?

7. São oferecidas capacitações para os docentes desta unidade escolar? Se sim, você as considera úteis? Por quê?
8. Sabendo da importância que a escola e o docente possui no processo de desenvolvimento das crianças, diante disso, qual o seu principal objetivo como educador?
9. Do que foi perguntando gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o processo de alfabetizar/letrar?

Agradecemos sua participação!